



V CONGRESO IBEROAMERICANO DE PERIODISMO EN INTERNET

SOCIEDAD IBEROAMERICANA DE ACADÉMICOS, INVESTIGADORES Y PROFESIONALES DEL PERIODISMO EN INTERNET – AIAPI

FACULTAD DE COMUNICACIÓN - UNIVERSIDAD FEDERAL DE BAHÍA
24 Y 25 DE NOVIEMBRE DE 2004
SALVADOR – BAHÍA – BRASIL

ENSINO DO JORNALISMO NA WEB: UM CASE SOBRE O USO DE AMBIENTES VIRTUAIS

Paulo Cunha¹
André Neves²
Joanny Peixoto³
Guilherme Gattis⁴

Resumo

O objetivo desse artigo é relatar os resultados da observação de 62 ambientes virtuais de estudo disponibilizadas pela plataforma *VirtusClass*. São salas virtuais dedicadas ao ensino do Jornalismo. Esse estudo preliminar analisa a funcionalidade dos ambientes virtuais de estudo, considerando se as ferramentas disponíveis nestes dispositivos conduzem os participantes a um processo efetivo de comunicação, capaz de facilitar o ensino e a aprendizagem num campo de formação específico. Na época das redes digitais, em que os objetos culturais são fabricados para atender objetivos estabelecidos previamente, cabe aos pesquisadores em Jornalismo e das escolas de comunicação inverter as prioridades de pesquisa para entrar em sintonia com as demandas sociais, desenvolvendo tecnologias específicas para o ensino e o exercício do Jornalismo nas redes digitais de alta velocidade. O artigo tenta ainda discutir o próprio conceito de ambiente virtual de estudo, assim como propor uma descrição mais formal, do ponto de vista da engenharia de software, da arquitetura dessas plataformas enquanto ferramentas pedagógicas.

¹ Doutor pela Université de Paris 1 (Panthéon-Sorbonne) e professor da Universidade Federal de Pernambuco - paulo@ufpe.br

² Mestre pelo Centro de Informática/UFPE e professor da Universidade Federal de Pernambuco - ammn@cin.ufpe.br

³ Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal de Pernambuco - joannypeixoto@yahoo.com.br

⁴ Bolsista de Iniciação Científica e aluno de Jornalismo na Universidade Federal de Pernambuco - guilhermegattis@yahoo.com.br

Introdução

A *rede latino-americana para o desenvolvimento de metodologias e software para o ensino de Jornalismo nas redes digitais de alta velocidade* foi criada em 2004, reunindo um consórcio internacional formado pelo Grupo de Pesquisa em Comunicação e Cibercultura do Instituto Tecnológico de Monterrey (México), pelo Virtus - Laboratório de Hipermídia, da Universidade Federal de Pernambuco (Brasil), pelo Grupo de Pesquisa em Metodologias de Ensino de Comunicação, da Universidade Nacional de Córdoba (Argentina) e pelo Grupo de Pesquisa em Jornalismo Digital, da Universidade Federal da Bahia (Brasil). O surgimento da rede pretende facilitar o estudo e o desenvolvimento de softwares, processos e aplicativos adequados ao ensino de Jornalismo nas redes digitais de alta velocidade.

A rede considera a necessidade de prover tecnologias capazes de constituir processos descentralizados de ensino e produção de conteúdos jornalísticos. O ponto de partida é a constatação de que há uma redução do poder de inovação das organizações jornalísticas, que ainda continuam atreladas aos modelos de produção centralizados. Diante disso, o consórcio espera elaborar aplicativos adaptados ao ensino, à produção e circulação de conteúdos nas redes digitais, contribuindo para consolidar a Sociedade da Informação na América Latina, através do desenvolvimento de tecnologias inteligentes compatíveis com os sistemas locais de produção de conteúdos em três países latino-americanos: Argentina, Brasil e México.

Membro ativo da rede, o Virtus - Laboratório de Hipermídia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) - é um grupo de pesquisa baseado na web que, entre outras aplicações, desenvolveu uma solução para ambientes virtuais de estudo (AVEs) denominada *VirtusClass*, de acesso gratuito, e onde alunos e professores trocam informações, agendam aulas ministradas diretamente na rede e encontros para bate-papos (*chats*), disponibilizam material hipermidiático para análise, independentemente da localidade geográfica em que se encontram.

O sistema abrigava, em agosto de 2004, 4.212 AVEs. O objetivo desse artigo, na perspectiva da *rede latino-americana para o desenvolvimento de metodologias e software para o ensino de Jornalismo nas redes digitais de alta velocidade*, é relatar os resultados da observação de 62 dessas salas virtuais dedicadas ao ensino do Jornalismo. Trata-se, portanto, de um relato de estudo preliminar acerca da funcionalidade do modelo *VirtusClass*, considerando as ferramentas disponíveis aos usuários de cada sala, alunos e

professores, e se estes dispositivos realmente conduzem os participantes a um processo de comunicação efetivo, produtivo, que facilite o ensino e a aprendizagem de um campo de formação específico. No quadro das análises iniciais do consórcio, a questão-síntese levantada no estudo é se é possível ensinar e aprender Jornalismo através de AVEs.

Ensino do Jornalismo: do que se trata, afinal?

Há três dimensões em torno do termo “Jornalismo” que são geralmente associados ao seu ensino:

- a) Jornalismo é uma profissão, passível, portanto, de ser “ensinada” a partir de premissas que são estabelecidas pela prática profissional e pelo aporte teórico, em geral das ciências sociais;
- b) Jornalismo é uma indústria, necessitando assim de mão-de-obra cada vez mais especializada nos termos dessa própria indústria;
- c) Jornalismo é uma prática cultural que antecede a própria existência do Jornalismo como profissão e que ocorrer inclusive nas margens da indústria jornalística.

A confusão em torno dessas três dimensões vem influenciando diretamente nas discussões sobre o ensino do Jornalismo. É nesse sentido que vale recolocar a discussão numa perspectiva histórica. Como se sabe, no começo do século passado não havia escola de Jornalismo no Brasil. Escreviam no jornal pessoas indicadas pelos editores e donos dos meios. Os jornalistas podiam ser professores, advogados, médicos, engenheiros, escritores, diplomados, não-diplomados. Havia sindicatos que cuidavam das questões trabalhistas, mas nem sonhava em se posicionar, por exemplo, sobre a legalidade de um diploma para o exercício da função. Na contra-mão dessa realidade estava Vitorino Prata Castelo Branco, advogado, jornalista e empresário (era proprietário e editor da revista *Cursos*, que publicava aulas de datilografia, taquigrafia, organização bancária, propaganda e publicidade e vendas por correspondência). Vitorino escreveu e publicou em 1945 o livro *Curso de Jornalismo* - uma raridade hoje em dia (há apenas três exemplares, todos em bibliotecas nacionais), a obra era um curso de Jornalismo completo, e à distância.

Castelo Branco sistematizou o curso de Jornalismo em duas vertentes: o aluno tinha que dominar as técnicas jornalísticas e ao mesmo tempo em que devia apurar seu senso de

responsabilidade. Todos os fascículos se dividiam em “técnica jornalística”, “resumo histórico” e “exercícios”, a parte prática do curso. A atualidade das lições de Castelo Branco é o que mais chama atenção na obra: ao longo do curso o aluno recebia lições sobre ética e estilo, além do debate teórico à cerca das funções do jornalista e (com anos de antecipação) a obrigatoriedade ou não do diploma pra exercício da função.

Essa questão específica do curso, inclusive, indisps Castelo Branco junto aos sindicatos de Jornalismo, que combatiam o curso de Castelo branco acusando-o de aproveitador (Cf. CASTELO BRANCO, 1944: 23):

Proferi conferências no auditório da Biblioteca Municipal Mário de Andrade e no Auditório da Câmara Municipal de Santos. Estive na Rádio Clube de Sorocaba, no centro gaúcho de São Paulo; enfim, desenvolvi uma grande atividade de propaganda e o curso ia de vento em popa, com grande número de alunos e sucesso. Foi então que comecei a sofrer uma grande pressão por parte dos jornalistas conservadores, que não admitiam novidades, jornalistas que receavam que meu curso pudesse prejudicá-los, porque iria possibilitar maior vantagem aos jornalistas diplomados.

As primeiras Escolas de Jornalismo no Brasil só surgiram após 1947 e, vale ressaltar, a partir da iniciativa de donos de jornais que buscavam modernizar as redações. Fato notório: a primeira Escola voltada ao ensino de Jornalismo no Brasil foi idealizada pelo jornalista e empresário Cásper Líbero. Diretor-proprietário de um dos mais modernos jornais da América Latina, A Gazeta, Cásper deixou em seu testamento instruções para a edificação da faculdade de Jornalismo que acabou recebendo o seu nome. A Escola de ensino superior de Jornalismo Cásper Líbero foi inaugurada em 16 de maio de 1947, após um período de três anos de espera em que foram resolvidas as questões legais. De acordo com o testamento do jornalista, a faculdade seguiria o padrão desenvolvido nas escolas européias e americanas, sendo

uma escola de Jornalismo e ensinamento de humanidades, particularmente português, prosa, estilo, literatura, eloquência, história e filosofia, em cursos de grandes proporções, a começar pelo secundário e finalizar pelo superior.

A faculdade estaria agregada ao complexo jornalístico formado pela *A Gazeta*, pelo rádio de mesmo nome e pelo semanário *A Gazeta Esportiva*. Cásper Líbero anteviu duas esferas que iriam acompanhar a expansão do sistema de cursos de nível superior voltados para o ensino do Jornalismo:

- a) A necessidade da formação de profissionais de Jornalismo a partir da demanda criada pelos processos de modernização de seu complexo jornalístico.
- b) A relação complexa entre atividades de formação acadêmica e treinamentos específicos no contexto da indústria.

Além da modernização da atividade jornalística através de maior apuro técnico e profissionalização das atividades, Cásper entendia que uma escola de Jornalismo seria fundamental para a efervescência intelectual do país. Em suas viagens para o exterior, traçou contatos com as elites universitárias de países mais avançados, como a Universidade de Columbia, que foi fundada em 1912 pelo pai do Jornalismo nos Estados Unidos, Joseph Pulitzer, e provavelmente encontrou nessas visitas a inspiração para implantar o projeto no Brasil. A trajetória do ensino do Jornalismo no Brasil

Esse pequeno recuo no passado é suficiente para provar que o atual modelo de ensino de Jornalismo nas instituições de ensino superior no Brasil representa apenas aquilo que a expansão de parte da indústria do Jornalismo (sobretudo na produção de impressos) exigiu para a formação de pessoal altamente qualificado. Novos modelos surgirão, necessariamente, a partir das inflexões da própria indústria e das mudanças de percepção que a sociedade têm da atividade jornalística. O que permite vislumbrar, também, as razões pela busca de novas soluções, ainda que elas sejam vistas como meramente experimentais. É o caso do uso dos Ambientes Virtuais de Estudo para o ensino de Jornalismo.

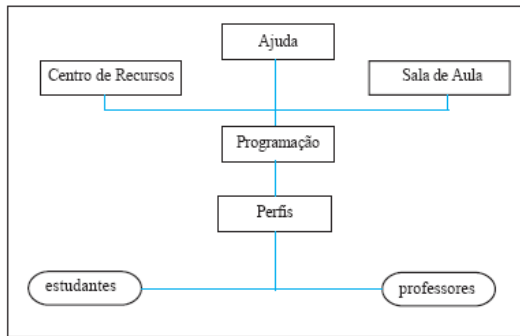
Ambientes Virtuais de Estudo

As discussões em torno de processos pedagógicos sempre foram intensas. Busca-se um método de ensino-aprendizagem eficiente, a partir das condições de cada época, e os fatores culturais acabam tendo uma influência marcante. As questões em torno dos AVEs ecoam, portanto, as polêmicas que seguiram a “máquina de ensinar”, de Skinner, na Harvard dos anos 50. Como se sabe, naquele momento a idéia era a de que o material

transmitido ao estudante era “montado” a partir de uma seqüência pré-definida que deveria ser apresentada ao aluno em módulos determinados, finalizando cada etapa com uma questão que deveria ser respondida. Em caso de “acerto”, o estudante estaria apto a passar para a próxima fase. O behaviorismo (condutivismo) apresentava assim um arquétipo fechado, baseado em um método estímulo/resposta, pelo qual o acúmulo de informações no interior do receptor era potencializado com experiências contínuas, advindas do meio externo. AVEs também evocam a própria decadência do condutivismo e o surgimento do construtivismo, ao considerar a importância do processamento das informações pelo receptor, bem como a relação entre o conhecimento já existente nele e os novos dados apresentados ao estudante. Piaget e Vygotsky trazem para a discussão dos AVEs a concepção da importância do aluno, a partir de um processo contínuo de avaliação. Vem de Vygotsky a percepção que os desenvolvedores de AVEs tem da importância do contexto social e da interação entre os participantes do sistema como foco primordial do processo educativo.

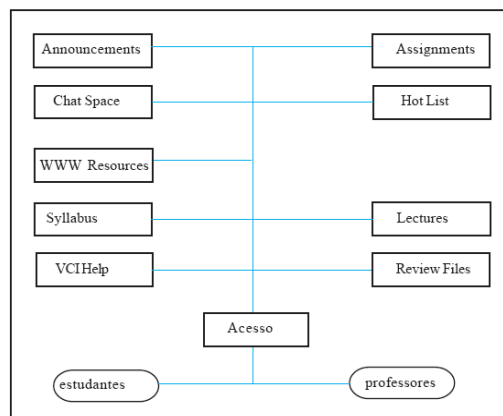
O conceito de AVE, assim como as suas descrições fundamentais enquanto ferramenta pedagógica, foram extensivamente descritos por Neves (1999), Barros (2000) e Campelo (2000). A plataforma *VirtusClass* gerou a idéia de que os AVEs são comunidades voltadas para a disseminação do saber em qualquer área. No entanto, como sabemos, há diversas outras soluções de AVE, desenvolvidas por grupos diferentes em vários países do mundo. Nossa preocupação inicial, portanto, foi tentar verificar a arquitetura de alguns deles para discernir melhor o seu funcionamento.

Um dos mais conhecidos sistemas é o *LearningSpace*, desenvolvido pela Lótus (EUA), que propõe um módulo de “ajuda”, relacionado com dois outros módulos principais (“centro de recursos” e “sala de aula”) e com vínculos para os módulos de “programação”, de “perfis”, que por sua vez se subdivide entre os módulos “estudantes” e “professores”. Essa arquitetura pode ser visualizada no esquema abaixo:



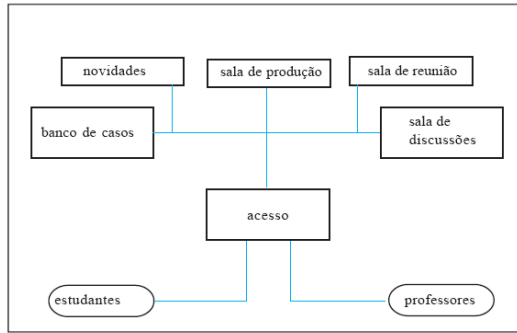
Arquitetura do ambiente Learning Space da Lotus

Já o AVE da Universidade de Illinois (EUA), denominado VCI, aparenta ser mais complexo ao estabelecer uma entrada diferenciada para “estudantes” e “professores”, levando a um módulo de “acesso” vinculado ao conjunto de ferramentas disponibilizadas, como se vê no esquema abaixo:



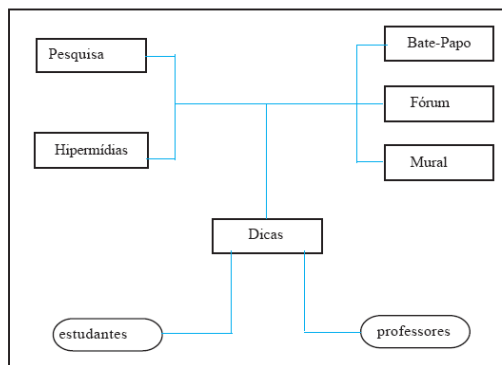
Arquitetura do ambiente VCI - Illinois

Um outro sistema, proposto pelo Laboratório de Educação a Distância da Universidade Federal de Santa Catarina (Brasil), desenvolveu uma arquitetura em que o “acesso” de “estudantes” ou “professores” encaminha os usuários para um conjunto de cinco ferramentas (“banco de casos”, “sala de discussões”, “novidades”, “sala de produção” e “sala de reunião”), conforme esquema abaixo:



Arquitetura do ambiente do Laboratório de Ensino a Distância - UFSC

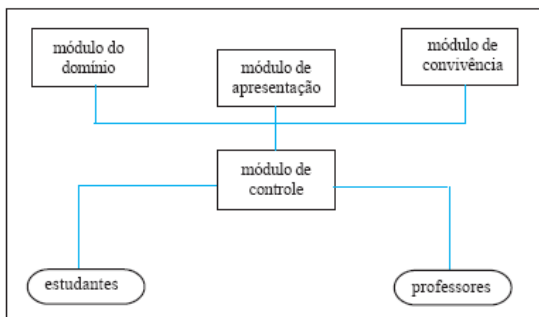
Finalmente, a arquitetura do *VirtusClass* se pretende mais orgânica, ao relacionar o acesso a “professores” e “estudantes” através de um módulo de “dicas”, que vincula o sistema às ferramentas (“pesquisa”, “hipermídias”, “bate-papo”, “fórum” e “mural”). Essa arquitetura pode ser visualizada no esquema abaixo:



Arquitetura do ambiente Virtus

O *VirtusClass* só foi desenvolvido a partir de uma constatação básica: mesmo parecendo diferentes, todos os sistemas de geração de AVEs colocam em operação uma arquitetura muito semelhante. Ou seja: eles são mais parecidos do que suas interfaces deixam perceber. Esse consenso na arquitetura das plataformas é baseado na existência de quatro módulos, mesmo que em determinadas plataformas isso esteja escamoteado por uma profusão de nomes: **Módulo de Apresentação** (informações de esclarecimentos sobre o sistema, voltadas normalmente para visitantes que ainda não conhecem o ambiente ou para estudantes iniciantes); **Módulo do Domínio** (documentos produzidos especificamente para apresentar o conteúdo a ser estudado no ambiente e referências a documentos na Web que tratam do mesmo tema); **Módulo de Convivência** (mecanismos que possibilitam a comunicação assíncrona e sincronizada entre os estudantes e professores envolvidos com o

ambiente); **Módulo de Controle** (ferramentas que controlam o acesso dos usuários aos outros módulos do ambiente). Trata-se, portanto, a *arquitetura consensual* dos AVEs, como pode ser visualizado no esquema abaixo:



Arquitetura consensual proposta para os AVE

A plataforma do Virtus possui características próprias, mas que correspondem à arquitetura consensual, e que podem ser assim sintetizadas: a) condições de recrutamento e seleção de alunos; b) espaço de interação entre alunos e professores; c) informação filtrada pelo especialista (transmitida pelo professor); d) informação construída pelo grupo (expressão dos alunos); e) avaliação do conhecimento construído pelos alunos; f) avaliação do processo pelo grupo; g) certificação pela instituição. Os desenvolvedores da plataforma optaram por padronizar o AVE e automatizar e disponibilizar online o formulário de criação de novas salas virtuais. Com o *VirtusClass*, alunos e professores trocam informações, agendam aulas ministradas diretamente na rede e encontros para bate-papos (*chats*), disponibilizam material hipermediático para análise, independentemente da localidade geográfica em que se encontram. O acesso ao serviço é gratuito e pode ser acessado pelo endereço eletrônico www.virtus.ufpe.br.

A página principal e as sub-páginas diretas (*crie sua sala, sobre o VirtusClass e contato*) são propostas num *layout* formado por dois *frames*: um no topo, que se repete em cada uma delas, contendo o logotipo do ambiente e um sistema de pesquisa indicado pela frase “procure sua sala virtual por nome da sala, nome do responsável ou palavra chave” e o segundo abaixo, contendo os atributos próprios de cada página (informações sobre o *VirtusClass*, *formMail* para contato etc.) e *links* para projetos, cursos disponibilizados e endereços mais acessados do *site*, além das instituições que utilizam os serviços do sistema.

Cada ambiente virtual de estudo do *VirtusClass* é dotado de uma série de recursos que permitem aos usuários navegarem pela sala, interagindo com o ambiente e com os outros participantes do grupo. Eles se encontram listados abaixo, juntamente com as características básicas de cada item: a) **página Inicial**, com informações gerais sobre o AVE, os objetivos e temas a serem discutidos. Apresenta o gerenciador do ambiente e fornece um perfil dos usuários; b) **agenda de atividades**, reservado para o administrador inserir atividades propostas para o grupo de estudo. Estes compromissos podem ser desde um encontro na sala de bate-papo ou o aviso para a leitura de algum documento já disponibilizado; c) **mural virtual**, para troca de mensagens entre os membros do grupo, onde os participantes podem comunicar-se com o administrador do AVE, bem como postar reflexões sobre temas abordados; d) **lista de participantes**, para a inscrição de usuários no grupo virtual, onde se pode deixar informações pessoais e endereços de *e-mail*; d) **sala de bate-papo**, onde é possível dialogar via *chat*; é possível ainda ter acesso aos arquivos de bate-papos que já aconteceram; e) **central de documentos**, para a postagem e troca de documentos entre mediadores e aprendizes do ambiente; f) **biblioteca de links**, para a disponibilização de *links* de referência a serem consultados pelos integrantes da sala; g) **guia do usuário**, tutorial no qual se oferece um roteiro para a utilização da sala virtual do *VirtusClass*.

Ensino do Jornalismo em AVES

Como funcionam os AVES para o ensino de áreas específicas? Contrariamente aos problemas genéricos de funcionamento desse tipo de plataforma, textos sobre o uso de AVES por comunidades particulares ainda são escassos. Foi com essa idéia em mente que decidimos iniciar um levantamento sobre como professores e estudantes universitários de Jornalismo percebem e manipulam os AVES.

Começamos com um relato de caso banal: sábado à noite, 13 de setembro de 2003. A estudante Mariana Passos está à frente do computador para mais uma aula do curso de Jornalismo. Às 18h, ela entra na sala virtual, juntamente com colegas, para discutir o tema “Sociedade da Informação”. Há alguns dias, Mariana pôde se preparar para a aula, lendo os textos que foram disponibilizados com antecedência. A aluna não precisou deslocar-se até a biblioteca ou a copiadora mais próxima para obter o material. Com alguns cliques no *mouse*, fez o *download* dos arquivos diretamente para a máquina, via Internet. No mesmo instante, a professora Vera Forbeck liga o microcomputador e cumprimenta os alunos que

já a aguardavam. Ao contrário de tantos outros dias, ela não precisou se dirigir à faculdade, apenas deslocar-se até a mesa de escritório. De casa, ela controla a conversação com os alunos sobre os temas que indicou previamente e os conduz em um debate proveitoso. Encerrada a discussão, informa que disponibilizou novos arquivos de leitura para a turma, sugere alguns *links* de estudo, marca novo dia e horário para o próximo encontro e desliga o PC.

A cena ilustra perfeitamente o fato de que, na época das redes digitais, em que os objetos culturais são fabricados para atender objetivos estabelecidos previamente, cabe aos pesquisadores em Jornalismo e das escolas de comunicação inverter as prioridades de pesquisa para entrar em sintonia com as demandas sociais, desenvolvendo tecnologias específicas para o ensino e o exercício do Jornalismo nas redes digitais de alta velocidade. Os objetos técnicos são tanto mais eficazes quanto melhor adaptados às ações planejadas. A persistência numa posição reativa ao estudo de aplicativos técnicos para a utilização pelos docentes e profissionais dificulta a incorporação do Jornalismo digital como um fenômeno concreto, típico de sociedades complexas. Além disso, a entrada das organizações jornalísticas latino-americanas como atores representativos no mundo das redes digitais pressupõe a superação desta matriz de pesquisa que desconhece a pesquisa aplicada como uma das etapas essenciais no processo de produção de conhecimento nas sociedades contemporâneas. Um modelo de pesquisa compatível com as necessidades de uma sociedade em permanente processo de transformação, que tem o conhecimento científico como um componente estrutural, deve primar pela criação de um complexo de inovação vinculado aos sistemas locais de produção da notícia, servindo de laboratório para a geração de tecnologia e de espaço para a definição conceitual das particularidades da prática em cada lugar.

Vera Forbeck e Mariana Passos são professora e a aluna das Faculdades Integradas Rio Branco, localizada em São Paulo (Brasil) e utilizam o *VirtusClass* para ensinar-aprender Jornalismo. A primeira constatação de nossa pesquisa é que esse tipo de intercâmbio, aberto pelos sistemas digitais, não é visto pelos professores de Jornalismo nem como substitutos dos processos clássicos de ensino-aprendizagem nem como meros complementos pedagógicos. Para eles, os AVEs são um recurso e um método que se agregam às dinâmicas de ensino-aprendizagem já existentes. Os AVEs devem perseguir a transparência do ponto de vista da usabilidade: não apresentar dificuldades aos usuários do sistema e dispensar treinamento técnico específico. Percebe-se que, ao se deparar com

ferramentas de difícil configuração, o usuário, seja este leigo ou familiarizado com a informática, desiste rapidamente. Entre os usuários entrevistados na nossa enquête, a simplicidade dos ambientes e a conseqüente facilidade de adaptação ao sistema são condições básicas de adoção.

Essa posição de princípio, no entanto, também gera discordância de nível entre os usuários. Como definir o que é “simples”? Analisando o *VirtusClass*, alunos do Curso de Especialização em Ensino de Comunicação Social da Universidade Estadual da Bahia (Uneb), em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) – e que gerenciam o AVE *O Ombudsman* -, defendem a extrema simplificação dos AVEs assim como a limitação das ferramentas disponíveis para os usuários. Por outro lado, alguns professores (é o caso de Afonso Júnior, da Universidade Federal de Pernambuco, UFPE) consideram que, para alguns cursos com características peculiares da área (como o Jornalismo *online*), o modelo poderia ser mais flexível. Esses professores detectam, no *VirtusClass*, a dificuldade para gerar *links* internos nos textos, de forma a fazer os alunos experimentarem o hipertexto como forma narrativa específica.

As novas tendências da tecnologia se consolidam gradativamente com a exigência de presença ativa. A disponibilidade de ferramentas com alto grau de alcance revela-se na forma de uma multiplicação sistêmica de recursos hipertextuais. É evidente que as relações aluno-professor assumem dimensões diferenciadas nos AVEs. Para os usuários do *VirtusClass* voltados para o ensino do Jornalismo, uma mudança nessas relações foi destacada: o fato de aluno poder ser tão “atuante” quanto o professor. Nas situações pedagógicas clássicas, um estudante não pode, a qualquer momento, “ocupar” a sala de aula e utilizá-la como espaço de debates relacionados a um determinado tema. Nos AVEs, tal limitação simplesmente não existe: os membros da comunidade virtual são livres para assumir o controle do ambiente e podem fazê-lo a qualquer momento. Além disso, como o processo de criação de um AVE no *VirtusClass* não é restrito a professores, muitos estudantes tomam a iniciativa de criar comunidades autônomas que podem ser administradas coletivamente. Esses fatos são vistos como extremamente positivos.

O processo de comunicação, nos AVEs voltados para o ensino do Jornalismo, não se resume simplesmente à transmissão/troca de informações. Pelo contrário, encontra-se intimamente conectado ao comportamento dos membros envolvidos: a relação com o ambiente, a conduta perante o restante do grupo. Um problema sensível é o da subutilização das ferramentas disponíveis. Nosso levantamento mostra que esse problema tem

causas variadas: a) resistência às novas tecnológicas; b) desconhecimento de noções básicas de informática e Internet; c) crença de que os métodos presenciais se sobrepõe à utilização das salas virtuais.

Sobre esse último ponto (privilégio da relação presencial sobre a interação digital), professores e estudantes de Jornalismo ouvidos no levantamento são hoje, majoritariamente, favoráveis ao uso de AVEs. Vale destacar a opinião da estudante K. F. L., concluinte do curso de Jornalismo pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE):

A interação no *VirtusClass* supera muito a sala de aula tradicional, em qualidade e quantidade, pois a figura do professor não causa intimidações. Questionamentos podem ser feitos diante de todos ou por *e-mails* reservados. Você não precisa esperar que a aula (tradicional) acabe para alugar o professor que muitas vezes não tem tempo para ouvi-lo e sai de fininho... E aí, só na semana seguinte para você tirar a dúvida! Creio que em um ambiente de curso superior, a necessidade de aulas presenciais se faz cada vez menor. Qual a diferença entre ouvir um professor lendo resumos de textos na frente da sala de aula (quente e abafada!!!), tirar xerox desses mesmos textos para ler, resenhar e entregar ao professor que duas semanas depois devolve a resenha com um visto e nenhum comentário, e receber aqueles mesmos textos por *e-mail*, lê-los em casa e depois enviar a resenha para a sala virtual e receber do professor uma crítica por *e-mail*?

Entre os usuários ligados ao ensino do Jornalismo, há uma particularidade interessante: a visão de que a utilização da conversação por meio da escrita, dispositivo comumente utilizado em ambientes virtuais, é um aglutinador de atenções e uma forma positiva de reunir os agentes em um estudo sobre os temas abordados na sala, fomentando discussões produtivas no grupo. Professores e estudantes percebem a importância da formalização das idéias através do texto como um fenômeno produtivo e que pode ser associado a uma outra dinâmica: a oportunidade de se trocar idéias não só com os professores e colegas da instituição que integra, mas também com pessoas de outras universidades. Há, entre os usuários consultados, os que desacreditam no *chat* como um instrumento de repercussão positiva. As alegações são basicamente de fundo cultural: inadaptação ao modelo de negociação dialógica aberto pela ferramenta, gerando uma sensação de “caos” difícil de ser administrado.

Visível também entre os professores e estudantes de Jornalismo é a utilidade da troca de documentos através do *VirtusClass*. Alocar documentos é avaliado nos AVES significa para eles um instrumento que favorece a construção do conhecimento dentro da virtualidade. Assim, os usuários do *VirtusClass* utilizam a *Central de Documentos* como área de intercâmbio informacional, com a disponibilização de textos, imagens, sons que, compartilhados, enriquecem o método educacional e aumentam a interatividade entre os membros do AVE. Muitas vezes, essa dimensão é reduzida ao seu aspecto mais prosaico, como revela a estudante de Rádio, TV e Multimídia da Universidade de Mogi das Cruzes (São Paulo), Clarissa Carvalho:

Materiais que usávamos em sala de aula ficavam no *VirtusClass*. Sendo assim, a gente prestava atenção na aula e depois imprimia tudo. A nossa caixa de *e-mail* não lotava.

Já outros usuários apontam para dimensões mais complexas do instrumento. A aluna do sétimo período do curso de Jornalismo da UFPE, Anna Santoro, lembra o caso específico da disciplina *Mídia e Cibercultura*, quase inteiramente ministrada virtualmente, através do *VirtusClass*, enquanto o professor estava em outra universidade para cursar o doutorado:

A presença era dada pela comprovação da leitura do texto indicado naquela semana. O professor mandava um roteiro e nós respondíamos. Na aula presencial, muitas vezes a gente não lê o que o professor manda e fica só ali, sem absorver nada. Mas só foi legal porque os livros indicados e os roteiros propostos por Afonso eram interessantes. E porque as aulas presenciais que o curso oferece raramente são boas.

Conclusão

Na construção do presente artigo, ao abordar o relacionamento entre membros de uma comunidade virtual, no caso professores e alunos usuários do *VirtusClass*, procurou-se mapear um modelo comportamental dos agentes integrantes dos ambientes virtuais de estudo, a partir de interlocuções eletrônicas com os mesmos. Estes foram inquiridos acerca da funcionalidade do sistema e, principalmente, sobre a interação com os outros usuários. Considerando o universo delineado nesta pesquisa (62 salas virtuais da área de Jornalismo do *VirtusClass*) e por tratarem exclusivamente estes ambientes de temas, propostas, idéias,

estudos ligados ao meio jornalístico, foi colocada a seguinte questão aos membros destes AVEs: é possível o ensino do Jornalismo, ou partes dele, via *Web*?

A rede latino-americana para o desenvolvimento de metodologias e software para o ensino de Jornalismo nas redes digitais de alta velocidade defende que, mesmo havendo nos países latino-americanos centros de pesquisa especializados no Jornalismo digital e em Engenharia do Software, além de empresas jornalísticas capacitadas a produzir conteúdos de qualidade e agências de fomento, falta tradição na elaboração de aplicações que sejam fruto da sinergia entre esses três componentes.

A prioridade para a criação de aplicativos destinados à produção, circulação e consumo da notícia no ciberespaço revela que a estratégia que perpassa a pesquisa aplicada nestes projetos direcionados ao Jornalismo digital se concentra no desenvolvimento de suportes ou programas para processar informação e aplicação em bens, serviços, decisões e procedimentos, deixando em segundo plano a pesquisa sobre os processos de produção da notícia. Nesse caso, para incorporar os princípios do novo paradigma, a pesquisa aplicada em Jornalismo deveria voltar-se para tecnologias de encontro, destinadas a permitir que o conteúdo das redes seja produto das relações entre os membros do sistema. Os novos empreendimentos tecnológicos tendem a requerer uma outra forma de avaliação dos agentes participativos. A evolução da formação não pode se distanciar do sistema de reconhecimento que a faz validada.

Referências bibliográficas

BARROS, Simone; MARTINS, Angélica. “Os recursos computacionais e as abordagens de ensino-aprendizagem”. In: ____ (org.) **Cibercampus: experiências em educação a distância**. Recife: Editora Contraluz, 2003, pp. 11-20.

BENNET, Ed. “Colaborações entre artistas e técnicos”. In: DOMINGUES, D. (org.) **A arte no século XXI: a humanização das tecnologias**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997, pp. 166-173.

CASTELO BRANCO, V. P. **Boletim Mensal de Ensino Prático Allô, Allô, Brasil**. Março de 1944, ano VII, n. 79.

COSTA, Maria Cristina Castilho. “Sociedade informacional” **Revista comunicação & educação** nº 15 maio-agosto. São Paulo: USP, 1999, pp.15-20.

CUNHA, P.; NEVES, A. (org.) **Projeto Virtus: educação e interdisciplinaridade no ciberespaço**. Recife: Editora Universitária da UFPE; São Paulo: Editora da Universidade Anhembi Morumbi, 2000, pp. 47-59.

DOMINGUES, Diana. “A humanização das tecnologias pela arte”. In: ____ (org.). **A arte no século XXI: a humanização das tecnologias**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997, pp. 15-30.

FIDLER, Roger. **Mediamorphosis. Understanding new media**. London. Pine Forge Press. 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.

FROSSARD, Vera. “Tipos e bits: a trajetória do livro”. In: PEREIRA, M.N.; PINHEIRO, L. (org.). **O sonho de Otlet: aventura em tecnologia da informação e comunicação**. Rio de Janeiro; Brasília: IBICT/DEP/DDI, 2000. pp. 47-73.

GIBSON, William. **Neuromancer**. São Paulo: Aleph, 2003.

GÓMEZ, Guillermo Orozco. “Comunicação, educação e novas tecnologias: tríade do século XXI”. **Revista comunicação & educação** n° 23 janeiro-abril. São Paulo: USP, 2002, pp.57-70.

LEÃO, Lucia. **O labirinto da hipermídia: arquitetura e navegação no ciberespaço**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2001.

PINTO, Rômulo. **Sociabilidade e hiperdocumento em comunidades virtuais de estudo**. 2001. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

QUINN, Stephen. **Knowledge management in the digital newsroom**. London. Focal Press. 2002.

SANTOS, Edméa Oliveira. “Novas práticas curriculares na educação a distância”. **Revista comunicação & educação** n° 26 janeiro-abril. São Paulo: USP, 2003, pp. 35-42.

VILCHES, Lorenzo. “Tecnologia digital: perspectivas mundiais”. **Revista comunicação & educação** n° 26 janeiro-abril. São Paulo: USP, 2003, pp. 43-61.